



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE -UFS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”  
São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

---

## DO CHÃO DA TERRA AO CHÃO DA FÁBRICA: AS FORMAS CONTRADITÓRIAS DA APROPRIAÇÃO DO CAPITAL NO ESPAÇO AGRÁRIO

**Dayse Maria Souza**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territorial.  
E-mail: dayse\_mra@hotmail.com

**Alexandrina Luz Conceição**

Orientador e professor do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia– UFS.  
Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territorial.  
E-mail: aluz@oi.com

O presente trabalho faz parte da dissertação de mestrado que teve como objetivo analisar o processo de reestruturação produtiva no novo modelo de acumulação flexível e sua interferência na produção e reprodução das relações sociais de produção. Em pleno desemprego estrutural o capital que na sua essência se reproduz de forma contraditória, subordina o trabalho no campo e na cidade para garantir a super extração de mais valia, através da mobilidade do trabalho. Para compreender esse processo no espaço agrário no município de Barro Preto/BA foi fundamental analisar a inserção da relação capital e trabalho no novo formato de acumulação financeira nas diferentes escalas geográficas. A pesquisa em questão adotou o método do materialismo histórico dialético, por esse entender os conflitos construídos historicamente a partir da ação das diferentes classes sociais em seu movimento contraditório. Revelando como o espaço a partir da categoria território é apropriado pelo capital e como às relações sociais se materializam e redefinem o mesmo território no processo global de acumulação capitalista. Para entender esse processo foram elaboradas reflexões da forma como o Estado garante as bases para a territorialização do capital, principalmente a partir de investimentos em infra-estrutura, incentivos fiscais, políticas de créditos e implementação de políticas modernizantes (inserindo os pacotes tecnológicos) a partir da criação de órgãos institucionais e centro de pesquisa, como por exemplo, o Instituto de Cacau da Bahia (ICB) e a Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira(CEPLAC) modelando assim o espaço para o capital. Tais ações, ao mesmo tempo em que provocaram a subordinação da produção camponesa ao capital, acentuaram e concentraram

terras, tornando a força de trabalho do campo verdadeiro exército de reserva para o capital. O debate sobre o processo de financeirização e o novo formato de acumulação capitalista foi necessário para entender como se dá a exploração do trabalho na lógica de acumulação em pleno processo de crise estrutural do capital, marcado pela intensa busca da extração de trabalho não pago. A pesquisa permitiu desvendar a forma contraditória em que o capital se territorializa no espaço agrário do município de Barro Preto materializado nas novas formas de exploração do trabalho, onde a força de trabalho tornada, no campo, supérflua para o capital, é explorada em maior quantidade no chão da fábrica, especificamente na Indústria de Calçados Vulcabras-Azaleia, revelando como o capital se apropria do território criando novos modelos de produção, seja no campo ou na cidade. Ao mesmo tempo, que na mobilidade do trabalho essa força de trabalho - em sua grande maioria jovens, filhos de camponeses e de trabalhadores assalariados - encontra-se disponível para ser explorada pelo capital de forma perversa e insaciável.

Palavras Chaves: Estado, mobilidade do trabalho, reestruturação produtiva, trabalho precarizado.

Eixos Temáticos: Análise Agrária